



RESENHA

PARA ENTENDER A GUERRA NAVAL: RESENHA DO LIVRO “UNDERSTANDING NAVAL WARFARE” DE IAN SPELLER

Luciano Vaz Ferreira¹

Obras acadêmicas sobre a dimensão marítima da guerra e estratégia naval não são muito numerosas, contudo, as que trataram deste tema com qualidade tornaram-se clássicos indispensáveis, influenciando gerações de pesquisadores, *policy makers* e integrantes das forças armadas. Incluem-se neste rol *The Influence of Sea Power Upon History* (1890) de Alfred Thayer Mahan, *Some Principles of Maritime Strategy* (1911) de Sir. Julian Corbett e, mais recentemente, *Seapower: A Guide for the Twenty First Century* (2009) de Geoffrey Till. Neste contexto, Ian Speller, na obra *Understading Naval Warfare* (2014), possui o desafio de colocar-se ao lado destes grandes autores.

Ian Speller é graduado em Política pela *University of Durham*, mestre em estudos estratégicos pela *University of Wales* e doutor em estudos de guerra pelo prestigiado *King's College London*. Após passar um período como *senior lecturer* no departamento de estudos de defesa no *King's College*, assumiu a posição de diretor do *Center for Military History and Strategic Studies* da *Maynooth University*, na Irlanda. Possui uma extensa produção bibliográfica na área, que inclui livros sobre a história da marinha britânica, guerra anfíbia e marinhas de pequeno porte.

Como o próprio autor anuncia em sua introdução, a proposta de *Understanding Naval Warfare* é servir como um livro-texto, oferecendo ao leitor uma introdução ao estudo da guerra naval moderna, apresentando vocabulário, conceitos, problemas e principais debates sobre o assunto. A obra é dividida em duas partes. A primeira parte é de natureza conceitual, dispendo sobre guerra marítima e poder naval (*Concepts of Naval Warfare and Maritime Power*), que incluem o estudo do ambiente marítimo, estratégia marítima e diplomacia naval. A segunda parte refere-se à prática contemporânea (*Contemporary Practice*), abordando as problemáticas do controle marítimo e da manutenção da ordem no mar. A obra conta com três apêndices: uma espécie de glossário dos principais termos utilizados na guerra naval, servindo-se das definições adotadas pela OTAN; uma lista de abreviação comumente utilizada

¹ Doutor em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS), com período de pesquisa na American University (Washington, D.C.). Professor Adjunto do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande. Membro do Instituto Brasileiro de Direito do Mar (IBDMAR). Pesquisador do Laboratório de Pesquisas em Política e Direito do Mar (LABMAR).

para designar diferentes tipos de navios e submarinos; e um quadro contendo o comparativo dos recursos bélicos utilizados por diferentes marinhas ao redor do mundo. Ao final, apresenta-se bibliografia selecionada na área e um índice de assuntos.

A obra apresenta algumas conclusões que servem como contribuições originais do autor sobre guerra e estratégia naval contemporânea. Speller defende que o mar continua relevante para a segurança nacional e internacional, principalmente por três razões: porque é utilizado como passagem de bens e pessoas, porque é utilizado pelas forças militares e pela exploração dos recursos existentes no mar. A globalização intensificou o comércio internacional, que é totalmente dependente da navegação marítima. Uma ameaça à comunicação marítima é uma ameaça à estabilidade deste sistema, necessitando-se de proteção. No que tange ao aspecto militar, existe uma tendência no uso de forças navais para projeção de ataques em terra, diminuindo-se os riscos de invasões e ocupações prolongadas. Quanto aos recursos marinhos, os países encontram-se cada vez mais dependentes, seja para obtenção de alimentos (pesca) quanto por motivos econômicos. Sob o ponto de vista estratégico, porém, a terra continua sendo mais relevante que o mar, visto que o ser humano habita apenas esse local: o mar só é importante porque traz consequências para a vida na superfície terrena.

O autor entende que as marinhas nacionais permanecem exercendo três funções: militar, diplomática e de polícia. Trata-se de uma divisão teórica, pois na prática estas funções são exercidas de maneira sobreposta, de difícil separação. Conceitos tradicionais de estratégia naval, como aqueles defendidos por Mahan e Corbett, ainda possuem relevância na contemporaneidade, devendo, contudo, serem interpretados levando em considerações o contexto atual. O futuro da batalha marítima será de grande complexidade por conta dos avanços tecnológicos, sendo necessário que as marinhas cooperem com outras agências e países estrangeiros. Baseando-se em Till, Speller identifica duas formas que as marinhas podem operar: de maneira competitiva (“moderna”), defendendo o interesse nacional, e de maneira colaborativa (“pós-moderna”), baseada na cooperação internacional para administrar bens globais compartilhados. Na contemporaneidade, segundo o autor, estas duas estratégias podem coexistir. Ao final, assevera que não existe um modelo ideal de estratégia, aplicado a todas marinhas do mundo, as particularidades da nação e do caso em questão devem ser sempre consideradas.

Em linhas gerais, a obra de Speller cumpre todos os objetivos propostos. Promove uma introdução ao tema utilizando-se de uma linguagem clara, sem ser superficial. Discute os principais debates atuais sobre o assunto e referencia os clássicos, oportunizando o leitor a

revisitá-los e se aprofundar ainda mais no tema. Sobra espaço, ainda, para trazer suas próprias ideias, apresentando-as com grande propriedade, o que o coloca como um nome de destaque no cenário contemporâneo dos estudos sobre guerra e estratégia marítima.

REFERÊNCIAS

SPELLER, Ian. *Understanding Naval Warfare*. New York: Routledge, 2014.